Revista de Ciências Humanas e Sociais | ISSN: 2447-0244
v. 4, n. 1 - Edição Especial - 2018
Missões

DILEMA BRASIL E OS DESAFIOS DEMOCRÁTICOS: UMA LEITURA ATUALIZADA DO PENSAMENTO DE DARCY RIBEIRO

DILEMA BRASIL AND DEMOCRATIC CHALLENGES: A UPDATED READING OF THE THOUGHT OF DARCY RIBEIRO

Núbia Assumpção Dutra[1]
Tomas Pietro Pereira Lago[2]
Rodrigo Maurer[3]

Resumo: Partimos da premissa que a eleição nacional de 2018 ficou caracterizada pela ausência de uma consciência ideológica e pela inoperância de uma educação política que pudesse emitir efeitos contrários à chapa vencedora – Bolsonaro/Mourão. Nesta forma unificada de ver e acompanhar os eventos mais recentes, resolvemos demonstrar a atualidade do pensamento de Darcy Ribeiro e suas virtudes em meio ao cenário político especialmente dividido, que se compõe à ascensão da direita patriótica e um novo reformular das forças populares assim contidas ao projeto de uma esquerda nacionalista. A contar daí, o proposito do preambulo não se retraí a uma intencionalidade individualista, nem pretende ser um ponto de partida extremo que não "um comportamento pedagógico" a ser acompanhado e que já foi aprovado pela extensa e qualificada produção de Darcy Ribeiro – o professor, o militante político, o ideólogo, o intelectual, acima de qualquer ilustração, um homem inconformado ao seu tempo político e toda e qualquer arbitrariedade que fizesse limitar a liberdade ou outras formas de direito.

Palavras chave: teoria política, cultura do presidencialismo, comportamento eleitoral

Abstract: We start from the premise that the national election of 2018 was characterized by the absence of an ideological awareness and by the inoperation of a political education that could emit effects contrary to the winning plate - Bolsonaro / Mourão. In this unified way of seeing and following up on the most recent events, we have resolved to demonstrate the actuality of Darcy Ribeiro's thinking and its virtues amid the specially divided political scenario, which is compounded by the rise of the patriotic right and a new reformulation of the popular forces thus project of a nationalist left. From that point on, the purpose of the preamble did not reject an individualistic intentionality, nor does it pretend to be an extreme starting point other than "a pedagogical behavior" to be followed and that has already been approved by the extensive and qualified production of Darcy Ribeiro - the teacher , the political militant, the ideologue, the intellectual, above any illustration, a man who was not in his political time and any arbitrariness that would limit freedom or other forms of law.

Keywords: political theory, presidential culture, electoral behavior

[1] Acadêmica do V semestre do curso de Ciências Sociais – Ciência Política da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus de São Borja. nubiadutrapj@gmail.com
[2] Acadêmico do V semestre do curso de Ciências Sociais – Ciência Política da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus de São Borja. tomaspietrolago@gmail.com
[3]Historiador. Professor Substituto do curso de Ciências Sociais – Ciência Política da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus de São Borja. ferreiramaurer@bol.com.br

Revista de Ciências Humanas e Sociais | ISSN: 2447-0244
v. 4, n. 1 - Edição Especial - 2018
Missões

"SENTIR COMUM" E EVITAR "UMA NOVA INCORPORAÇÃO HISTÓRICA": AS AGRURAS QUE EXPRESSAM O TEMPO POLÍTICO DE DARCY RIBEIRO

> Afinal, que é história, senão esta reconstituição alegórica do passado vivente que nos ajuda a compor nosso próprio discurso sobre o que estamos sendo? (DARCY RIBEIRO, 1979, p. 72).

Dentre as várias formas pelas quais foi descrito o currículo do nosso intelectual – a que melhor traduziu a sua impaciência social, profissional e política em meio a sua realidade de mundo [ou que foi forçado a compreender], contêm-se na série *Encontros com a civilização Brasileira*, n. 25, ano de 1980, pagina 213. Nesta edição o individuo DARCY RIBEIRO ficou representado como: "Etnólogo e Antropólogo, Chefe da Casa Civil no Governo João Goulart. Foi Ministro da Educação. Fundador e primeiro reitor da Universidade de Brasília. Professor e conferencista em várias Universidades da América Latina e Europa. Traduzido nos principais países do mundo".

Em verdade o que temos é uma trajetória incomum de um intelectual que viu ruir-se um projeto de nação que ele vinha ajudando elaborar, mas que infelizmente teve de ser interrompido por forças expressamente patrióticas e de viés de direita assim contida aos lamentáveis anos da ditadura militar. E por tais circunstâncias podemos dizer que a obra de Darcy Ribeiro é uma ciranda pedagógica de eventos que não disfarça a sua angústia e frustração pelos vários projetos interrompidos, da mesma forma que não deixa de ratificar a esperança que havia na geração do seu tempo político – o tempo do "reformismo radical". Em regra, aos ideólogos da esquerda nacionalista cabe uma luta muito cara e sempre pontual à sociedade brasileira. Mas nada supera a amargura contida aos Trabalhistas, como o foi Darcy Ribeiro, pois a essa matize política se acumula o agravo de ver interrompido um projeto de soberania nacional, popular e de esquerda. Em tempo;

> Tudo isso significa que Jango não foi o protagonista, nem a vítima. O ator e o mártir foi o povo que perdeu uma rara oportunidade de libertação no seu esforço secular para romper com a rede construtora que o fez crescer deformado. Os derrotados fomos todos nós, como uma esquerda que não estava à altura do desafio histórico que enfrentava e que ainda hoje não o está porque continua dividida, perplexa, incapaz de formular um projeto de revolução que, infundindo confiança, nos permite operar no futuro como vanguarda de uma massa real e existente que é, afinal, quem fará a revolução necessária (RIBEIRO, [1972], 1979, p. 126).

O compromisso pelo que se nota esta em saber acompanhar uma leitura correta do momento que vivemos. Aquela altura, sindicalistas e matizes políticas de apelos populares não aceitavam nenhuma moderação nas suas condutas! Hoje, ao contrário, o que temos, é uma consequente queda da participação política das massas, em especial do público jovem, que passa a revelar quão trágica tem sido a leitura do Brasil recente por parte de algumas agremiações do campo progressistas, flertando por vezes, riscos desnecessários que podem levar a uma nova ruptura do Estado Democrático e de Direito!

De qualquer forma, já não é sem tempo, que o Brasil carece de uma atualização histórica da realidade que ampara a sua (in) definição de sentido. Em lugar disto, perpetuou-se um atraso em comum no aspecto político das forças progressistas que acabam por favorecer a emersão do espírito privado do próprio individuo (o líder) que não mais se verifica como parte de uma construção coletiva. Em contraste e já chamando atenção para a versatilidade que compõe o pensamento de Darcy Ribeiro, o que temos em análise é a representação sólida de uma tradição política que não desaconselha a sua imagem a frágeis plataformas eleitoreiras.

Por meio das suas explicações sobram lembranças de um período onde a mobilização social não só emocionava seus simpatizantes (correligionários/militantes), como também, confiava à integração mais fiel das massas a um programa político que primava por conquistas que pudessem lhes transmitir a satisfação de ser parte de uma nação. Essas condições quando tomadas ao pé da letra ainda condicionam a nossa estrutura de nação ao julgo de interesses privados que não a soberania popular. Ou como bem advertiu Darcy Ribeiro:

> Aqui, em lugar de classe dominantes bipartidas, como as europeias, em dois componentes antagônicos – um aristocrático e o outro burguês – cujo enfrentamento conduziu à revolução "democrático-burguesa", o que encontramos são classes dominantes monoliticamente estruturadas. Embora também divididas em um componente *patronal* de empresários (que tira seu poder da exploração econômica direta) e outro *patricial-burocrático* (que obtém poder e prestígio pelo desempenho de cargos), ambos são solidários na defesa do velho regime que os serve e enriquece. Os mandatários políticos desta estrutura são, em consequência, elites civis (patriciais) ou militares (autocráticas) que não têm nenhuma propensão a rupturas de estilo burguês porque são tão beneficiárias do velho sistema como o patronato. Nestas condições, não se pode deixar de reconhecer que o principal fator causal de nosso atraso reside não em deficiências da terra ou do povo, como fizeram crer, por décadas, tantos teóricos, mas no caráter retrógrado das classes dominantes. Elas organizaram a nação e o Estado para servirem a seus próprios projetos de prosperidade, sem preocupar-se com o preço que esta prosperidade cobraria à grande maioria da população (RIBEIRO, 1977, pp. 31-32).

Retraçando o cenário da conjuntura em questão, diríamos que não só Brasil, como o mundo, esta sendo compreendido por contornos mal definidos, todavia, salutares para grupos hegemônicos ou movimentos que ultrapassem as divisas da geopolítica. O quadro é este. E sem dúvida alguma, mais cedo ou mais tarde, a vivência política nos desafiará a traçar novos comportamentos que terão de ser aprimorados de uma maneira mais lúcida por meio de caminhos que venham a garantir um protagonismo popular e sem desvarios ideológicos.

A rigor, entre um golpe e outro, as elites costumeiras adotam o discurso de criminalizar as lutas das forças populares! Sobretudo porque a contradição deixa transparecer que a sociedade do sufrágio esta se acostumando a não mais fazer a interpretação política dos eventos antes de dedicar sua confiança e urna. E como ficará demonstrado nesse artigo, o conteúdo não só confirmará a desconfiança como parte de uma degradação da sociedade política. "Mas verdadeira é talvez a observação de que os homens atuam na vida social, e particularmente na arena política, muito mais de acordo com as circunstâncias que se apresentam – as conjunturas, como se diz – do que o ideário que acaso tenham (RIBEIRO, [1972], 1979, p. 121)".

DE UM BRASIL VARIADO E A VARIAÇÃO DE DARCY RIBEIRO

> Descobrimos também, com susto, à luz dessa nova obviedade, que realmente não há país construído mais racionalmente por uma classe dominante do que o nosso. Nem há sociedade que corresponda tão precisamente aos interesses de sua classe dominante como o Brasil (DARCY RIBEIRO, [1977], 1978, p. 12).

Darcy Ribeiro, como ele próprio se auto definiu tratar-se-ia de um político militante (RIBEIRO, 1985, p. 9). Em verdade, fazia da política a ilustração de um propósito ao possível! Por isso, a sua originalidade enquanto intelectual (leia-se ator político) é de uma riqueza individual que só pode ser observada por aqueles que tiveram de ressentir algum dia qualquer infração ao seu estado de liberdade. Por meio das suas interpelações chegamos ao conhecimento que o livro *Teoria do Brasil* foi elaborado sob circunstâncias contrapostas, haja vista que foi "escrito, primeiro no exílio, revisto, depois, na prisão; e refeito, outra vez, num segundo estirão de exílio" (RIBEIRO, 1985, p. 9). Ainda nessa obra, chegamos ao conhecimento dos fatores "acidentais de singularidade" que se mostraram importantes ao construto do seu próprio saber. Ao descrever a sua própria realidade, o antropólogo acabou por revelar o seu estilo de mundo e não por menos de pensa-lo e torna-lo praticável aos ritos

da nossa *brasilidade* em resposta aos vícios de uma restrição simbólica e literata de um Brasil que já se apresentava satisfeito com o aprendizado dos *brasilianistas*. Embasado a um conhecimento de causa e prática, eis que acabou revelando que:

> Uma segunda ordem de singularidade reside na minha experiência intelectual que, fazendo-se passar de condição de agitador esquerdista aos vinte anos, à de pesquisador profissional, dos vinte aos trinta, e desta à de político em ação, dos trinta aos quarenta, configurou em mim duas consciências distintas que buscavam desconhecer-se. Uma informava minha visão do Brasil, como problema, inspirada num marxismo larvar. Outra, orientava minha atividade científica fundada numa suposta objetividade e num pretendido rigor metodológico. As duas jamais se enfrentaram enquanto foram postas em ação em contextos distintos, o que me permitia dar opiniões e atuar como cidadão com base nos esquemas conceituais esquerdistas em voga e escrever artigos e livros de antropologia com base numa ideologia cientificista. A terceira ordem de experiências, que começa quando sou chamado a participar dos órgãos de decisão da estrutura de poder, operou como uma dupla desmistificação. Por um lado, radicalizou minha postura ao revelar-me a impotência do reformismo e a fragilidade das instituições políticas chamadas a defender os interesses nacionais e populares, em face do poderio dos interesses patronais e da alienação do patriciado político e militar que sempre governaram o Brasil. Por outro lado, demonstrou a futilidade do trabalho a que nós, cientistas sociais, nos dedicamos. Geralmente mais empenhados em escrever uns para os outros sobre temas socialmente irrelevantes, do que contribuir a elucidar a natureza da revolução necessária. Mas operou, sobretudo, como um repto a fundir minhas consciências díspares (RIBEIRO, 1985, p. 10).

Apesar dos motivos que acabam por tornar Darcy Ribeiro, numa espécie de "intelectual agradável" o fato é que as suas exposições não se mostram obsoletas em meio a temas de difícil trato e que ainda se assentam caros demais ou indigestas para serem expostas em meio a uma sociedade perfeitamente deformada aos lampejos de um patriotismo tacanho que não foi instruído a reconhecer sua origem indígena, negra, cabocla, boia fria, biscateiro, retirante, vagantes da política de expropriação ao uso de conter-se numa feitoria e outros desregrados que os *brasilianistas* fingiram desconhecer em desuso de fazer diminuir as "responsabilidades" do *patronato senhorial*. Sem fugir a leitura sintetizada por nosso personagem, eis que chegamos ao conhecimento que "o requisito básico de sua sobrevivência é a simples preservação do *status quo* (RIBEIRO, 1985, p. 93)".

O INTELECTUAL E O PAPEL QUE COMPETE A SUA PRÓPRIA OBVIEDADE

Darcy Ribeiro parte da perspectiva de que o cientista tem a função de esclarecer o óbvio. Dentre essas obviedades, cabe ao mesmo, revelar as variantes do contexto histórico com vistas a não repetir equívocos e outras contrariedades que venham a persistir na máxima

do "atraso" versus "progresso". Em especial, a geração de intelectuais que antecedeu Darcy Ribeiro costumou admitir a ideia de que o atraso do povo brasileiro acontecia por suas características de origem. Darcy, não só se recusou a acompanhar essa interpretação que encontra substância em personagens do *modernismo*, como também criou a sua própria forma de entender os motivos que impediam o povo enquanto protagonista das suas necessidades. Vejamos a intepretação que se aloca as causas conformadoras da inferioridade do nosso povo brasileiro:

> Primeiro, que não é nas qualidades ou defeitos do povo que está a razão do nosso atraso, mas nas características de nossas classes dominantes, no seu setor dirigente e, inclusive, no seu segmento intelectual. Segundo, que nossa velha classe tem sido altamente capaz na formulação e na execução do projeto de sociedade que melhor corresponde a seus interesses. Só que este projeto para ser implantado e mantido precisa de um povo faminto, chucro e feio (RIBEIRO, [1977], 1978, p. 12).

Portanto, os responsáveis pelo atraso brasileiro são as classes dominantes, que aproveitando-se do trabalho alheio desempenham seus interesses privados. Esses interesses, por óbvio, estão relacionados ao lucro que as elites acumulam as custas de um povo desorientado e mal instruído ao uso da ação política. Indiferente do conteúdo a ser debatido no que compete o uso e seu aproveitamento o primeiro passo a ser destacado da classe dominante brasileira é a maneira como ela conseguiu se estruturar o Brasil aos *modus operandis* da economia brasileira:

> A verdade verdadeira é que, aqui no Brasil, se inventou um modelo de economia altamente próspera, mas de prosperidade pura. Quer dizer, livre de quaisquer comprometimentos sentimentais. A verdade, repito, é que nós, brasileiros, inventamos e fundamos um sistema social perfeito para os que estão do lado de cima da vida. Senão, vejamos. O valor da exportação brasileira no século XVII foi maior que o da exportação inglesa no mesmo período. O produto mais nobre da época era o açúcar. Depois, o produto mais rendoso do mundo foi o ouro de Minas Gerais que multiplicou várias vezes a quantidade de ouro existente no mundo. Também, então, reinou para os ricos uma prosperidade imensa (Op.cit., p.13).

Tal justificação não é tarefa fácil, uma vez que para além de expor sequelas irremediáveis ocasionadas por este sistema opressivo, a mesma condena a sociedade ao atraso pela razão de reconhece-la por dois estratos contraditórios de caráter social. Nesse caso, se trata do senhor e do escravo, isto é, da classe privilegiada que detém a posse dos meios de produção e da massa de trabalhadores compulsórios dependentes de uma ordenação desigual. A partir daí, o autor elogia ironicamente as ações desta classe, que com um pensamento

egoísta conserva a população na ignorância e, acima de tudo, promove uma consciência alienada de aceitar o que é imposto sem ao menos questionar.

> Por tudo isto, as massas marginalizadas são, na realidade, a classe oprimida da estrutura social, embora não tenham – e dificilmente venha a construir – uma consciência de si correspondente a esta condição. Sua visão de mundo é uma mistura de arcaísmo, proveniente de antigas tradições orais hauridas no campo, e de modernidade elaborada à luz de imagens difundidas pelos modernos meios de comunicação que as atingem (RIBEIRO, 1985, p. 97).

Ao retomar a sua descrição sobre o óbvio Darcy Ribeiro classifica as façanhas da classe dominante, a primeira foi a Independência do Brasil, porque aconteceu nas circunstâncias da vinda de um grande número de nobres portugueses ao Brasil. Nesse caso, fortaleceu a classe privilegiada na dominação da sociedade. Além desta, a Lei de Terras aprovada em 1850, nos mostra o quanto essa classe coloca à frente seus interesses, pois, inscreve na lei que o modo de obtenção da propriedade é a compra. Noutras palavras:

> Foi assim, brilhantemente, que a nossa classe dominante conseguiu duas coisas básicas: se assegurou a propriedade monopolística da terra para suas empresas agrárias, e assegurou que a população trabalharia docilmente para ela, porque só podia sair de uma fazenda para cair em outra fazenda igual, uma vez que em lugar nenhum conseguiria terras para ocupar e fazer suas pelo trabalho (RIBEIRO, [1977], 1978, p.16).

Em suma, a condução dos fatores nunca se afastou de uma resultante introspectiva da velha alienação brasileira que vulgarmente flerta com o povo visando profissionalizar os disfarces dos costumes e ritos nobiliárquicos que passaram a emitir ordens e estipular regras para os nossos inconformismos. Por isso mesmo, Darcy analisa a questão educacional administrada pela classe dominante. Pois por meio daquela, chegamos à constatação que o propósito de hegemonia, perpassava inevitavelmente pelas ineficiências de um povo inculto. A considerar:

> Os agentes do poder politico, por exemplo, estão frequentemente em conflito entre si pela distribuição de cargos e regalias, bem como em tensão e disputa com os cargos militares da manutenção da ordem. Estes últimos, enquanto corpo monopolizador de emprego legal da violência, sempre podem utilizar armas para empolgar o poder e o fazem cada vez que a legitimidade do governo se torna questionável, especialmente quando este perde a confiança do patronato (RIBEIRO, 1985, p. 85).

Essa afirmação não só sustenta as situações acima, como permite entender de maneira muito simples os interesses que existem por manter o povo condicionado à ignorância. Noutras palavras, um povo alienado, sem condições de desenvolver consciência própria, aceita prontamente toda e qualquer decisão do senhor, ou melhor, da classe que o domina. Dito isso, o óbvio, em tese, é a importância de estudar o próprio povo e promover a mudança do poder pelo viés da educação quando já conhecida a realidade histórico cultural daquele. Noutras palavras, o intelectual de um povo atrasado tem a indispensável tarefa de apresentar a realidade tal qual ela é, e, sobretudo, procurando impulsionar a transformação social sem jamais se contentar em contribuir para a perpetuação do atraso.

ENTRE O FAZER POLÍTICO E A AUTOCRÍTICA DO "ERRO": O PREÇO DE VIVER EM MEIO A UMA DEMOCRACIA BURGUESA[4]

> POUCOS PAÍSES juntaram, como o Brasil, tijolos e cimentos tão díspares em seu processo de constituição. Poucos também experimentaram vicissitudes que mostram de forma tão clara os caminhos pelos quais uma nação pode constituir-se não para servir a si mesma, mas para atender a interesses alheios (DARCY RIBEIRO, 1985, p. 19).

O Antropólogo Darcy Ribeiro deixou subentender duas inspirações que parecem ter sido decisivas na formulação de sua teoria de Brasil. Vejamos quem são:

> Olhando em torno, depois de passada a moda funcionalista e quebrada a onda estruturalista, o Lévi-Strauss desse belo livro brasileiro que é *Tristes Trópicos* e o nosso Florestan Fernandes de *A Organização Social dos Tupinambás*, pelo que nos dá como reconstituição viva da vida dos índios que mais fortemente se imprimiram no fazimento de todos nós, brasileiros (RIBEIRO, 1979, p. 80).

Darcy Ribeiro por ter representado a geração do reformismo radical nunca foi bem compreendido por uma vertente de pensadores marxistas, talvez porque ele próprio em vida compreendeu no marxismo e no seu centralismo democrático um materialismo histórico por

[4]Classifica-se por "democracia burguesa" a ação de convívio coletivo que se contêm a limites reconhecíveis que o Estado julga cuidados. É a ilustração que nos diz que "em meio à justiça somos todos iguais". Não fingindo a regra costumeira, diga-se de passagem, por demais ocidentalizada que compõe a configuração do enunciado, o interesse em expor a situação recente de Brasil pensando a "democracia burguesa" como uma circunstância que possa ser explicável por aprimoramente de uma "consciência crítica", isto é, aquela que "explora as contradições entre as representações estereotipadas da realidade e a realidade mesma, alargando a consciência necessária até os limites da consciência possível para perceber a temporalidade das instituições e a possibilidade de intervenção racional na sua reordenação". RIBEIRO, 1985, p. 163.

demais complexo de ser acompanhado. Porto outro lado, a sua contrariedade à linha teórica foi o fator que levou o Partido dos Trabalhadores a manter uma preocupação desde a sua fundação de contar com a presença de uma legião de intelectuais que não se indispusessem ao método. Esses são os casos do próprio Florestan Fernandes, de Paulo Freire, Paul Singer, Hélio Bicudo, Perseu Abramo, Marco Aurélio Garcia, Frei Beto, Marilena Chauí e Emir Sader. De fato todos muito bons nas áreas que lhes competem o conhecimento, todavia, longe estiveram de atestar e contentar um Brasil tão vasto e diverso como o fez Darcy Ribeiro. Mas não só isso.

Majoritariamente, todos os intelectuais acima listados nunca dedicaram uma linha sequer que fosse das suas formidáveis obras para fazer vistas ao reformismo radical que Darcy sempre fez questão de reforçar em suas pesquisas e exposições públicas. Para além de uma mera expressão imediatista de mundo, Darcy Ribeiro, não representa apenas um estilo de fazer política, mas um comportamento a ser incentivado.

Tacitamente, ao cabo e ao fim da democracia, nunca que é demais fazer justiça de reconhecimento para aqueles que deram a sua vida em exposição. E por aí, talvez seja possível prever um futuro a curto prazo para a política Brasileira que não o imediatismo cartorial que acabamos por presenciar aos partidos de tradição esquerdista que insistem construir um partido de base popular por intermédio de esquecimento arbitrário de outros atores que também sofreram reverses ou golpes de extrema gravidade.

Naquele que talvez seja o texto confidencial de maior envergadura dos bastidores da política nacional, não por acaso revelado em espécie de carta para o maior cineasta que já tivemos, Glauber Rocha, Darcy relata ter sido incumbido aos idos de 1962, por JK para elaborar um projeto que suprisse as necessidades que o povo sinalizava.

Enquanto chefe da casa Civil do Governo Jango, Darcy elaborou o projeto de Reforma Agrária e a Lei de Remessa de Lucros, sem falar que já previa por meio de tais ações garantir a expansão da educação popular. Tudo isso levou a crendice que o país se encaminhava e sob consentimento de João Goulart em direção ao Socialismo. E por outro lado, foi o diferencial que levou o sistema de inteligência norte-americano a ratificar o entendimento que "[...] valia a pena arriscar um novo Vietnã no Brasil para evitar sua defecção da área de hegemonia imperialista (RIBEIRO, [1972],1979, p. 124)".

Em tese, a autocrítica que hoje parece ser tão cara para algumas lideranças e partidos de massa nunca foi problema para Darcy, em verdade ao considerar o próprio insucesso das suas projeções e ao fim lamentar uma série de outros princípios que se perderam ao curso da conjuntura, o próprio ideólogo chegou a classificar suas frustrações como "chances perdidas

por culpas nossas". (Grifo DR, [1972], 1979, p. 125). Como se não contivesse em suas palavras o tamanho da grandeza que assumiu ao julgo da história, aquele nunca se colocou indiferente do propósito de um país mais solidário, justo e real. Por isso jamais escondeu os percalços que tiveram de ser assumidos sob mensagens que não "prescrevem ao tempo", pois como bem disse; "[...] não nos compenetramos também de que mais do que Jango, seríamos nós as maiores vítimas, e por isso mesmo éramos os maiores interessados em consolidar aquela conjuntura institucional favorável que a história nos havia oferecido" (RIBEIRO, [1972],1979, p. 124).

Ainda na carta dirigida aos cuidados de Glauber Rocha, intitulada *Ao meu amigo Jango*, Darcy Ribeiro descreve o ex-presidente na condição de um ator [leia-se do seu tempo político], da onde "encarnam forças sociais políticas mais amplas que eles" (RIBEIRO, [1972], 1979, p. 125). À rigor, na época de Jango os anseios das ruas se faziam cumprir – e entre as mesmas havia um espaço de livre movimentação para Comunistas, Socialistas, Trabalhistas, Anarcosindicalistas, desterrados do campo e da cidade, enfim, uma lista de tendências que necessariamente se intercalavam pela variedade e condução que competia a cada qual e suas leituras possíveis de Brasil.

Demonstrando uma fidelidade ao companheiro que tentou empregar o comportamento político que entendia ser correto, e que por circunstâncias outras [leia-se externas] impediram de ver executa-lo, Darcy se mostra em dúvida sobre a ilustração que a curto e médio prazo a sociedade brasileira faria de João Goulart. Dizia ele a Glauber Rocha: "Não sei que imagem se terá, no futuro, de meu amigo Jango. Aventuro-me, porém, a predizer que será mais generosa do que esta que se difundiu depois do golpe. Afinal, seu governo não caiu por seus defeitos. Foi derrubado por suas qualidades (RIBEIRO, [1972], 1979, p. 126)".

DA "DISTRAÇÃO" DAS ESQUERDAS EM 2013 AO TRANSCORRER DO GOLPE CÍVICO-PARLAMENTAR DE 2016

> O que quero dizer é tão somente que um homem não exprime, no poder, a sua ideologia pessoal, mas a conjuntura política que ascendeu (DARCY RIBEIRO, [1972], 1979, p. 122).

Os movimentos de 2013 emitiram o desejo antigo de mudar os rumos do país. É verdade, dirão os mais contidos! Mas, a que desejo estamos nos referindo? Entendemos que a leitura correta daquele momento não contém uma leitura oficial ou comprovada. Primeiro porque foi uma ebulição mantida a uma juventude de base teórica (Black Blocs) que soube

aproveitar o momento de euforia que o país se encontrava – leia-se a curso de sediar uma Copa do Mundo (2014) e prevendo por sequencia a realização das Olímpiadas (2016). Com pouco pão, mas com muito circo, o mundo passou a conhecer as deficiências mantidas a saga brasileira.

Outro erro de avaliação, este mais grave e paradoxal, coube a uma parte da esquerda festiva de 2014, que insistia entender que a eleição de Dilma Rousseff estava sob controle. Compreendiam de modo equivocado e especialmente raso, que a base política mantinha-se inabalável ao curso que já previam construir a "nova geração política" do Brasil. Ao contrário, do que fingiam acreditar, não faltaram motivos para a sociedade brasileira se expressar. Nosso paradigma por momento não prevê realizar uma crítica as possíveis divergências e contrastes que orbitam atualmente sob o viés da esquerda brasileira, nem sequer estamos fazendo uso dos episódios recentes como se estivessem a a fragmentar ainda mais as forças de esperança do nosso Povo. De toda forma, os efeitos recentes que levaram a deposição da Presidenta, Dilma Rousseff nada mais configuram que a intransigência já sentida em 31 de Março de 1964, embora, por proporções de maior envergadura!

Como podemos perceber a política, assim como a ciência, longe estão de um local entregue ao simples título de honra. É antes, o fim de tudo que nos mantêm a caminho de uma sociedade mais igualitária e justa para com o seu próprio destino. Compreende-se então que o ato de elaborar uma democracia de massas não é formulado apenas pelo simples contato a uma prática política, é junto disso, uma superação do Estado de Direito tradicional e delegar as instituições representativas a amplificação de um sentimento combativo que só pode ser descoberto quando são cedidos espaços para fazer emergir grupos de pressão que passem a exercer sua cidadania em ato.

Não surpreende, todavia, que as tendências que desviaram caminhos, outros que não popular, se mostraram impacientemente contraditórios para não dizer confusos à estrutura que compõe ser e fazer um governo voltado aos interesses coletivos.

Alguns comentaristas políticos do Brasil recente, não sem razão, chegam a falar que o modelo Bolsonaro de "ser" em verdade, tratar-se-ia de "um novo estilo de governar". E de fato o será, o primeiro governo presidenciável de perfil especialmente regressivo conservador que o Brasil democrático terá de conhecer. Casos semelhantes chegaram a ser testados no passado, contudo, foram repelidos do convívio nacional pelos Trabalhistas. Basta ver o caso da Ação Integralista Brasileira (AIB) e os excessos realizados pelos "camisas verdes", por meio do seu líder maior, Plínio Salgado, ou ainda, o Udenista Carlos Lacerda. Como se

estivesse a descrever o lamentável período que nos aproximamos de conhecer, o saudoso Darcy reproduz um caminho a ser feito:

> Só encarando objetivamente a nossa própria realidade e repensando criticamente a nossa experiência, verificaremos que ela pode ser tida como *necessária* em razão das forças históricas que a conformaram. Mas, ao mesmo tempo, pode ser tida como *contingente* e, portanto, alterável, se tivermos a sabedoria de orientar as forças da causalidade no rumo dos interesses nacionais e populares, assim como elas foram orientadas até agora em sentido oposto (RIBEIRO, 1979, p. 229).

No fundo da questão, o que temos são grupos hegemônicos de poder (vide o caso das oligarquias agrárias, militares, juristas e dos grandes empresários) que na condição de mando no Estado, embora não monoliticamente, procuram debitar ao povo mais humilde uma via de desenvolvimento capitalista autônomo, todavia, se modela por base de uma ideologia por demais conhecida que atende por "grande potência" (discurso cívico-militar).

De forma semelhante, seria simplista demais caracterizar as elites regressivas como indiferentes ao sentido do público. Ao invés, uma vez ordenadas, fica a descrição um tanto quanto lúcida de Darcy Ribeiro que nos advertiu sob toda certeza que em situações deste tipo, "trata-se, tão-somente, de nos permitir ver melhor o terreno que pisamos, de avaliar mais objetivamente os riscos que estamos enfrentando e de conhecer melhor os protagonistas com que interagimos" (RIBEIRO, 1977, p. 19).

OS TRAUMAS DA ANTIDEMOCRACIA E A ASCENSÃO DO PENSAMENTO PATRIÓTICO: A "NOVA" POLÍTICA BRASILEIRA QUE, DARCY RIBEIRO, TÃO BEM CONHECEU...

> Aqui, o máximo que se alcança é uma democracia restrita à igualdade dos pares (DARCY RIBEIRO, 1977, p. 22).

O dilema brasileiro é por demais coerente: tem a coerência da não contestação da posse. A bem dizer, a conjuntura descrita entrou numa contradição aos idos da década de 1960. Pelo menos essa é a leitura que quis passar o político Darcy, ao anunciar que JK em 1962 lhe solicitou "um plano de governo com vistas à campanha eleitoral de 1965, dizendo que escolhia a mim por minhas idéias e que desejava o plano mais avançado de reformas estruturais a começar por uma Reforma Agrária (RIBEIRO, [1972], 1979, pp. 122-123)."

É nesta perspectiva que foi formulada a reforma agrária, como solução para reverter a configuração problemática na qual o país estava inserido por séculos.

> A resultante fundamental da reforma agrária proposta, de acordo com essa projeção, seria criar-se a possibilidade de integrar na força de trabalho nacional a mão de obra rural hoje inativa ou subutilizada e os milhões que a ela se acrescentarão pelo aumento demográfico em curso, para formar um poderoso mercado interno, capaz de propiciar a ampliação das indústrias e dos serviços urbanos, auspiciando, assim, também nas cidades, mais amplas oportunidades de trabalho e de progresso. É bom recordar que, contra essas perspectivas de trabalho, de desenvolvimento e de fartura vitais para todo o povo brasileiro, se colocam os interesses de tão-somente 75 mil grandes proprietários, empenhados em se manter no domínio monopolístico da imensidade de terras que possuem, mas não são capazes de utilizar (RIBEIRO, 2007, p. 234).

Ao que entendemos a ideia principal de Darcy consistia em repartir o grande latifúndio inexplorado em pequenas propriedades, ou seja, concedendo a posse da terra para aqueles que se dedicassem a agricultura. Preenchendo assim os vazios do campo, integrando a massa trabalhadora num sistema moderno, e acima de tudo, desbancando a ordenação oligárquica. Porém, não foi implantada pela razão da velha classe dominante favorecer a conservação do sistema e os interesses externos, contribuindo mais uma vez para a perpetuação do atraso.

Em síntese e, supostamente, depois de longas horas de dedicação num espaço de três anos o projeto não conseguiu evoluir porque nas palavras do nosso personagem; "o projeto de Reforma Agrária só chegou a ser efetivamente formulado no dia 15 de março de 1964, na Mensagem Presidencial daquele ano" (RIBEIRO, [1972], 1979, p. 123). Como se vê, faltou pouco tempo para um pensador que pensou incansavelmente até os últimos segundos da sua vida estratégias que pudessem ser aprimoradas no sentido emitir um comportamento político voltado a "romper a velha ordenação social".

Numa revisão mais séria sobre o conteúdo, a autolimitação da democracia burguesa constituí algumas verdades a serem expostas: Somos reflexos do país agrarista e da tradição escravista que suplantou a relação senhor e empregado no Brasil que Gilberto Freire tão bem disfarçou na sua obra *Casa Grande e Senzala*, e que não se aplaina na simples relação servil do "homem cordial" mantida ao julgo do trabalhador braçal que Sergio Buarque de Holanda contemporizou pelo binômio do Ladrilhador e do Semeador em *Raízes do Brasil*.

Darcy Ribeiro, ao contrário de outros pensadores da sua época, representa uma insurgência de povo que se inconformou com a ausência de um desenvolvimento de âmbito nacional. Por meio das suas avaliações estão emitidas novas formas de organização que levaram a cabo a solidariedade e um espírito de luta que respeitou o seu tempo da política embora tenha visto desrespeitado às reivindicações que se ateve a defender. Por esses e outros

motivos definimos que a obra de Darcy significa um marco na história política e também intelectual do país.

DO "UFANISMO INGÊNUO DO BRASIL-POTÊNCIA" E OS COMPORTAMENTOS REGRESSIVOS – UM PANORAMA DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018

Em contraponto, não deixa de ser interessante verificar, que em 2018 a esquerda brasileira foi pega "desprevenida" em razão das suas (in) diferenças ideológicas, momento ao qual se percebe um lamentável desgosto para não dizer uma mesquinhez política que ainda persiste em meio aos programas partidários de momento. Quando; "Em lugar de utilizar a conjuntura eventual para nos estruturarmos como uma alternativa ao poder tradicional, entramos a nos dilacerar mutuamente (RIBEIRO, [1972], 1979, p. 124)". Temos, portanto, uma ideia do quanto pode ser prejudicial para a nação a ausência de um projeto para fins lúcidos e concretos em proveito e de posse popular.

Não é necessário insistir aqui, que a vitória de Jair Bolsonaro, parte também do apoio em massa dos setores do agronegócio, do empresariado (elite brasileira, já exausta de uma politica que à 14 anos se voltava para que o desenvolvimento do bem estar social.), as forças armadas, e a igreja (que foi fundamental para propagar os preceitos do conservadorismo, moralidade, e com combate as politicas de gênero). Da mesma maneira, criou-se uma "agenda" de ilustração "higiênica" que passou a ser alinhado ao sentimento anti petista, o que acabou por perfilar uma territorialidade do voto, na sua grande maioria os pertencentes do setor médio da elite patriótica. Ao acompanhar da leitura de Darcy Ribeiro – o projeto Bolsonaro – representaria o protagonismo da elite "autocrática de extração militar" (RIBEIRO, 1977, p. 24). A isso é importante saber que o modelo provoca uma série de incertezas em detrimento de falsas frustrações. Em tese,

> Seu caráter distintivo parece ser o de elites autocráticas de extração militar, oriundas da guerra fria, que assumem o poder em situações de profunda crise política em sociedades cujas classes dominantes, sentindo-se ameaçadas, apelam para as forças armadas como única maneira de conservar sua hegemonia. Caracterizam-se também por sua tendência ao retrocesso na política nacionalista dos regimes que os antecederam; à regressão nas conquistas sociais alcançadas pelos trabalhadores e à repressão mais violenta contra toda oposição, sobretudo a de esquerda. É também característica a pouca importância que estes regimes atribuem à legitimação formal do exercício do poder. Em alguns casos ela se reduz à afirmação da necessidade de fazer frente a uma suposta ameaça "comunista". Em outros, se contenta em substituir os procedimentos formais de legitimação pela propaganda demagógica (RIBEIRO, 1977, p. 24).

Há, pois, uma unanimidade no pensamento de direita e ao que consta sem a necessidade de anuncia-la previamente. Sobrevindo quando menos se espera, eis que no Brasil atual já estamos habituados com práticas que ainda legitimam a versão advertida (vide o caso da intervenção militar no Rio de Janeiro e o locaute provocado pelos patrões do ramo logístico que se utilizaram da luta dos caminhoneiros e da sua manifestação por melhores condições de trabalho que acabou por resultar numa manobra da direita patriótica na tentativa de solicitar o modelo intervenção para toda a federação), ou seja, desvirtuando enormemente as pautas iniciais de indignação.

Notamos, sobremaneira, um desvio gradual e confuso que não entende que, definir-se como força histórico-político perpassa também em construir a cultura, a linguagem e o significado como provedores da orbe política. Acrescenta-se ainda, que o estilo político petista acabou confiando o estilo da esquerda desvairada que Darcy combatia justamente por que aquela ao "esterilizar o pensamento marxista, se tornou incapaz de ver e compreender dialeticamente as conjunturas políticas concretas em que atua e só serve à contra-revolução" (RIBEIRO, 1977, p. 30). Ajustando a tônica ao tempo presente, o resultado das urnas à nível nacional em verdade serve como uma "contra-revolução de caráter preventivo" (idem, p. 32); ao projeto que o Partido dos Trabalhadores acreditou "desvairadamente" estar construindo.

Em suma, os problemas que compõe a "não unidade" das forças de esquerda no Brasil ainda persistem os mesmos da época de Darcy Ribeiro, por conta disso carecem ainda "superar sua alienação e seu provincianismo, a fim de alcançar um mínimo de eficácia" (RIBEIRO, 1977, p. 35).

Em síntese, o pleito de 2018 e por contínuo a ascensão do primeiro governo da direita patriótica serve para compreender também que o aparecimento de estruturas regressivas – como as que por ora procuram atentar contra a previdência ou a reforma trabalhista, são em verdade, práticas por demais conhecidas da nossa elite nacional quando se voltam a empregar "um caráter preventivo, para evitar que os governos reformistas descambem no "comunismo", o que jamais ocorreu" (RIBEIRO, 1978, p. 33).

Desta apreciação resta dizer que os entendimentos do tempo imediato não se mostram distintos dos que foram utilizados no passado que acabou nos conduzindo à ditadura cívico-militar. Denota-se, por outro lado, que a velha máxima de uma "política de segurança nacional" já se encontra em curso, outra vez, embora a tempo de ser evitada. E os requisitos mínimos para uma ação deste tipo estão colocados na ordem do dia, "desafiando o intelectual e instrumentando o povo para revolução necessária (RIBEIRO, 1985, p. 165)".

Com base em tantas qualidades, não há exagero algum dizer que Darcy Ribeiro expressa à consciência mais realista e mais motivadora que o Brasil já conheceu. A sua linguagem deixa entender um povo sofrido, porém urdido de inúmeras virtudes. Por isso que as suas críticas não situam apenas um momento aparentemente inócuo. Acresce, ainda, que ao ruir a geração do reformismo radical de Darcy Ribeiro, ruiu junto um estilo de pensar e planejar a nação brasileira. Ao ponto que o que veio depois foi apenas a deformação de uma sociedade que se encaminhava a reconhecer as suas agruras e defasagens enquanto consequências de ter se moldado "isolado do mundo" (RIBEIRO, 1985, p. 149).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RIBEIRO, Darcy. A universidade Latino-Americana e o desenvolvimento social. In: *Revista Civilização Brasileira*, Ano I, n. 3, Julho, 1965.

_____. Tipologia política Latino-Americana. In: *Contexto*, n. 2, Março 1977.

Darcy Ribeiro [et.al.]. Sobre o óbvio. In: *Encontros com a civilização Brasileira*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda., 1978.

_____. Meu amigo Jango [1972]. In: *Ensaios insólitos*. Porto Alegre: Editora L&PM, 1979.

_____. O papel reservado ao intelectual e à ciência nos países pobres. In: *Encontros com a Civilização Brasileira*. v. 25. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

_____. *Os Brasileiros. Livro I – Teoria do Brasil*. Ed. Vozes: Petrópolis, 1985.

_____. *América Latina: a pátria grande*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.

_____. *As Américas e a civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos Americanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.